



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

MARCOS FELIPE SOARES NASCIMENTO

MEMORIAL DESCRITIVO
SÉRIE DE PODCASTS *O 'BABA' É PRA HOMEM*

Salvador
2023

MARCOS FELIPE SOARES NASCIMENTO

O 'BABA' É PRA HOMEM:

Como o futebol serve à masculinidade tóxica no Brasil

Memorial descritivo final para conclusão do curso
de Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia

Orientador: Prof. Dr. Maurício Tavares

Salvador
2023

AGRADECIMENTOS

Acredito que um dos sentimentos mais nobres que existem seja a gratidão. Mais do que isso, acredito, quase como Tom Jobim, que ninguém alcança conquistas — sobretudo, profissionais — inteiramente sozinho. Pelos motivos expostos, sou grato a cada pessoa que, durante minha trajetória, contribuiu, em menor ou maior escala, para que eu chegasse até aqui.

É fato que, ao citar algumas das mais importantes nominalmente, posso incorrer na falha de esquecer outras. Ainda assim, não poderia deixar de destacar o papel fundamental que exerceu nesse processo minha família, encabeçada por meus pais, Raimundo — meu primeiro e melhor professor — e Albenir, tanto no aspecto material como no emocional.

Quanto ao desenvolvimento deste trabalho, em si, uma pessoa foi essencial: minha namorada, Ananda Borges. Com críticas construtivas e, também, suporte anímico, se fez presente em cada etapa, desde antes da concepção do projeto, sempre mostrando que é possível produzir conhecimento sobre esporte no âmbito acadêmico.

Aliás, por falar de conhecimento, não poderia deixar de expressar gratidão a todos aqueles e aquelas que me serviram de intermediários, desde o Colégio São José à Universidade. Todos eles aqui estão representados por meu orientador, o professor de Radiojornalismo Maurício Tavares, a quem eu agradeço, ainda, a disponibilidade e a paciência durante o processo.

Por último — e não menos importantes —, vêm os amigos e colegas acumulados ao longo de minha trajetória e os gestores por quem fui supervisionado em estágios ou trabalhos como *freelancer*. Entre eles, destaco a coordenadora da Rádio BandNews FM Salvador, Maria Lorena Alves — integrante da banca examinadora do presente trabalho —, e Ana Paula Lima, do mesmo veículo, que, respectivamente, ofereceu apoio material à elaboração do projeto e contribuiu, com observações, para o desenvolvimento dele.

RESUMO

Este memorial tem como objetivo descrever o passo a passo do processo de idealização e produção da série de podcasts *O 'baba' é pra homem*, trabalho acadêmico apresentado na disciplina COMB93 — Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba). O produto, de cunho jornalístico, visou analisar a relação entre o futebol e a cultura da masculinidade tóxica no Brasil. Para isso, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas com pessoas que, de alguma maneira, atuam no referido esporte. Assim, foi capaz de traçar caminhos possíveis para entender de que maneiras ele fomenta a masculinidade tóxica, entre as quais cabe destacar o fortalecimento de estereótipos acerca do imaginário do 'ser homem' invariavelmente associado à demonstração de força e virilidade.

Palavras-chave: Futebol; masculinidade tóxica; gênero; LGBTI+fobia.

ABSTRACT

This memorial aims to describe the step-by-step process of idealizing and producing the podcast series *O 'baba' é pra homem*, academic work presented in the course COMB93 — Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo III, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba). The journalistic product aimed to analyze the relation between football and the culture of toxic masculinity in Brazil. For this, was used bibliographical research and interviews with people who, in some way, works in that sport. Therefore, it was achieved to delineate possible ways to understand in what ways it fosters toxic masculinity, among as it worths highlighting the strengthening of stereotypes about the imaginary of 'being a man' invariably associated with the demonstration of strength and virility.

Keywords: Football; toxic masculinity; gender; LGBTI+phobia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1 Justificativa	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 Masculinidade tóxica, ethos guerreiro e performance	8
2.2 O homem negro	10
2.3 Do campo à arquibancada	10
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO	13
3.1 Pesquisa	13
3.2 Roteiro	13
3.3 Gravação	14
3.4 Edição	15
4. ROTEIRO	16
4.1 Episódio 1	16
4.2 Episódio 2	22
4.3 Episódio 3	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

“O ‘baba’ é pra homem”. Certamente, todo menino nascido na cidade de Salvador, na Bahia, e apaixonado por futebol, já escutou essa frase enquanto ‘pegava um baba’ — expressão local para ‘jogar bola’ — nas ruas, quadras ou campos da capital baiana. Em terras soteropolitanas ou em qualquer outro ponto do mapa brasileiro, fato é que o esporte bretão sempre esteve associado à demonstração de uma masculinidade viril.

Mas o futebol, enquanto manifestação cultural de uma nação, não está à parte da sociedade; ele nada mais é que uma metonímia em relação a essa, ou seja, apenas uma parte que compõe um todo. Isso quer dizer que, se o Brasil é um país estruturalmente machista, misógino e LGBTI+fóbico¹, um esporte responsável pela mobilização de tantas pessoas — em sua maioria, homens — não poderia ser diferente. Ainda assim, é importante remontar a tempos passados, a partir da chegada do futebol ao país, em meados da década de 1890.

O esporte bretão foi ‘trazido’ para o Brasil pelo paulista Charles Miller, filho de um escocês com uma brasileira de família inglesa. Miller retornara de uma viagem de estudos a Southampton, na Inglaterra, e, entre outros pertences, trouxe, em sua mala, uma bola de futebol. De acordo com um relato do escritor e historiador John Mills, Miller trouxe, na bagagem, um livro de regras da *Association Foot ball*, duas bolas de capotão, um par de chuteiras e uma bomba de ar (Placar, 2021).

No entanto, o futebol veio a se popularizar de fato e ser considerado ‘o esporte das massas’ — alcunha antes atribuída ao remo — apenas em 1919, após a conquista do primeiro título da seleção brasileira, o Campeonato Sul-americano. A profissionalização, aliás, se deu em 1933, e, como se imagina, foi restrita aos homens.

Essa restrição, aliás, não dizia respeito somente ao reconhecimento da prática esportiva enquanto profissão, e sim ao simples fato de jogar futebol: em 14 de abril de 1941, o presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-lei 3.199, art. 54, que proibia as mulheres de praticar esportes que não fossem "adequados a sua natureza".

¹ Neste trabalho, optou-se pelo uso da sigla LGBTI+, que abrange toda a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero existentes, assim como está em consonância com a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT).

Isso significa dizer que esportes como o futebol estariam estritamente relacionados à natureza masculina, da qual se espera, portanto, características como a virilidade e a brutalidade — sobretudo, em se tratando do homem negro.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada se desenvolve a partir de uma pergunta motivadora: como o futebol serve à masculinidade tóxica no Brasil? A partir de tal reflexão, foi possível traçar dois caminhos metodológicos essenciais para o desenvolvimento da análise. O primeiro se refere à busca bibliográfica de autores que tratam de temas ligados a futebol, sexualidade, performatividade de gênero e raça.

O segundo momento foi destinado a uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com pessoas que, de alguma maneira, atuam no referido esporte. Assim, o presente trabalho pretende destrinchar os processos metodológicos utilizados para a elaboração do podcast *O 'baba' é pra homem*, bem como analisar os possíveis caminhos para responder à questão acima pontuada.

1.1. Justificativa

A escolha do tema se deu, em primeiro lugar, pela paixão pelo futebol, nutrida desde a infância, e, em segundo, pelo desencanto provocado na fase adulta por seus agentes — leiam-se torcedores, atletas e dirigentes —, ao naturalizarem comportamentos tóxicos, arraigados no machismo, na misoginia e na LGBTI+fobia.

O Brasil, aliás, mantém, há 13 anos, o posto de país que mais mata pessoas trans no mundo, segundo o último relatório divulgado pela ONG *Transgender Europe* (TGEU). Além disso, de acordo com os dados mais recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), somos o quinto no ranking mundial de feminicídio.

Tais índices são consequência de toda uma estrutura machista de nossa sociedade. O futebol é um espaço que fortalece essa cultura, ao passo que estimula, por meio de microagressões — como cânticos ofensivos pelas torcidas —, um pensamento misógino e LGBTI+fóbico.

Devido ao motivo exposto, urge a abordagem dessa temática dentro de um espaço que é considerado, de forma geral, apenas de entretenimento, e não de debate político e social — embora possa, sim, ser meio de educação, inclusão e transformação. Nesse sentido, *O 'baba' é pra homem* propõe uma reflexão sobre como nós homens performamos — por vezes, inconscientemente — uma masculinidade tóxica enquanto praticantes ou consumidores de futebol, de modo a naturalizar e perpetuar determinados estereótipos na sociedade.

Soma-se a meu interesse pelo assunto o fato de ele ainda ser pouco discutido dentro dos clubes, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e do jornalismo esportivo, em que predomina a presença masculina cisheteronormativa e branca. Contribuíram, ainda, o contato com os livros *Impedimento — Machismo, racismo, homofobia e elitização como opressões no futebol*, de Lucas Faraldo Knopf; e *Bicha! Homofobia estrutural no futebol*, de João Abel; e as leituras sobre ideias difundidas pela filósofa estadunidense Judith Butler.

Diante desse cenário de escassez, durante a disciplina COM116 — Elaboração de Projeto em Comunicação (atual COMB91 — Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo I), sob a orientação do professor Sérgio Sobreira, surgiu a ideia de escrever um livro, o que foi estimulado pelo amigo e ex-colega de curso e empresa William Tales Silva.

No entanto, durante o desenvolvimento do projeto, fui orientado, pelo professor Maurício Tavares, a produzir uma série de podcasts, para fazer uma abordagem acerca do assunto diferente das realizadas pelas obras supracitadas. A escolha pelo formato também foi influenciada pelo interesse criado ao longo dos estudos e práticas em radiojornalismo na faculdade — como a série de podcasts *Jogou Aonde?!*, em parceria com o ex-colega e amigo Léo Sousa — e pela posterior experiência adquirida enquanto integrante da equipe de repórteres da BandNews FM, entre julho de 2021 e setembro de 2022.

Ademais, com o crescente consumo de podcasts — inclusive, acerca de futebol — no país, levar tal discussão a público pode se tornar mais viável, tanto em razão da capilaridade das plataformas de áudio como também da linguagem, mais acessível e pessoal. Ao mesmo tempo, permite aproximar o esporte, enquanto objeto de pesquisa, do âmbito acadêmico, que, hoje, ainda lhe oferece resistência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Masculinidade tóxica, ethos guerreiro e performance

Segundo o dicionário Michaelis On-line, o termo ‘masculinidade’ significa “atributo de masculino ou másculo”; já tóxico tem a ver com “que ou o que envenena; que tem a propriedade de envenenar; venenoso”. Daí, entende-se por masculinidade tóxica um conjunto de comportamentos degradantes atribuídos ao homem como parte essencial de sua natureza, a exemplo da demonstração de racionalidade, poder, agressividade e virilidade — esta, também relacionada à capacidade de procriar — e, por outro lado, da não demonstração de sentimentos e fraquezas. Em suma, a masculinidade tóxica serve para moldar um tipo ideal de homem, a partir de determinações de como pensar e agir.

A expressão ‘ethos guerreiro’, empregada pelo sociólogo alemão Norbert Elias, também pode ser chamada de hipermasculinidade ou excesso na virilidade agressiva e destrutiva (ZALUAR, 2014:45). O conceito parte do princípio de que há a aceitação do uso ilimitado do poder e violência como instrumentos legítimos na vida social, utilizados na resolução de conflitos (ELIAS, 1997). Obviamente, esse uso ilimitado do poder e da violência é feito pelos homens, supostamente símbolos de força e virilidade.

Prova disso é a predominância de pessoas do gênero masculino entre a população carcerária e as vítimas de mortes violentas. Das 753.966 pessoas que estavam detidas no sistema prisional em 2020, 95% eram homens; das 50.033 mortes violentas ocorridas no mesmo ano, 91,3% foram de pessoas do gênero masculino (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2020).

A masculinidade guerreira (ZALUAR, 1985) — ou masculinidade selvagem (SALEM e LARKINS, 2021) — está associada à tendência ao uso da força e da violência como uma condição para que o homem seja reconhecido socialmente enquanto tal. Esse conceito encontra respaldo na ideia de performatividade de gênero (BUTLER, 2001), isto é, na ideia de que o gênero é expresso por meio de atos, gestos e desejos repetitivos. Além disso, a sociedade opera com base em uma ‘heteronormatividade’, o que implica considerar ‘normal’ apenas aqueles corpos que se comportam tal qual a maneira que lhes é designada desde sua gestação.

Butler começa então a fazer uma longa e complexa reflexão para evidenciar que a materialidade dos corpos também, mas não só, é constituída de forma performativa. Entre outros aspectos, ela defende que os corpos são efeitos de uma dinâmica de poder, que a construção do sexo também opera com uma norma cultural que governa a materialidade dos corpos e que a heteronormatividade possibilita a existência de determinados corpos como humanizados e outros corpos como abjetos, aqueles que não gozam o status de sujeito. Ou seja, assim como existem gêneros ininteligíveis, que não são reconhecidos como gêneros aceitos porque não se enquadram no padrão binário com o qual opera a heteronormatividade, também existem corpos que não são dignos de existir socialmente, são corpos não “apropriadamente generificados” (Butler, 2001:161 apud Colling, 2019).

Desse modo, Butler considera que o sujeito se constitui socialmente, o que significa dizer que ele é produto da reiteração de normas anteriores a si mesmo — oriundas de imposições linguísticas —, as quais lhe conferem um caráter dinâmico. O sujeito não existe fora da sociabilidade e, portanto, precisa ser reconhecido socialmente e considerado culturalmente inteligível.

Ainda assim, ela destoa das concepções de ‘gênero’ enquanto algo biológico ou construído culturalmente, propondo-lhe a designação de ‘performance’: se a uma pessoa é determinada a posição de mulher ou de homem, ela deve seguir um repertório de gestos e atitudes, isto é, performar, tal qual acontece numa peça de teatro — daí, a ideia.

Poderia-se estabelecer, então, um vínculo dessa noção com a de ‘ethos guerreiro’, vista em Norbert Elias, uma vez que, na sociedade — com ênfase à brasileira —, há uma maneira de se comportar que, supostamente, configuraria o que é ser homem. Nesse sentido, o futebol, enquanto esporte que exige, em certa medida, demonstração de força e velocidade de movimentação e raciocínio, acaba por representar, também, um meio necessário à sociabilidade masculina.

Durante a infância, faz parte da norma que meninos jogam futebol e meninas brincam de boneca — ou, nas palavras da ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e atual senadora Damares Alves (Republicanos), “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. As garotas e, sobretudo, os garotos que destoam desse comportamento tendem a ser alvos de bullying, com uso de apelidos como ‘menina-macho’ e ‘viado’, respectivamente.

2.2 O homem negro

No caso do homem negro, a cobrança por uma performance de ‘macho’ é muito maior, em razão do fator raça — e seria impossível tratar do tema sem estabelecer um recorte racial. Historicamente, à população negra é negado o reconhecimento de sua humanidade, e, nesse caso, a masculinidade tóxica opera com uma força muito maior. Se já não se espera do homem branco demonstrações de sentimentos que revelariam sua ‘fragilidade’, do homem negro, menos ainda.

Segundo Rolf Ribeiro de Souza (2009) ao abordar as teorizações de Frantz Fanon, no imaginário ocidental, um homem negro não é um homem. Antes, ele é um negro e, como tal, não tem sexualidade; tem sexo. E esse sexo, desde muito cedo, foi descrito, no Brasil, como um atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal, em contraste com o homem branco.

Por esse motivo, a possibilidade de o homem negro ‘destoar’ do ideal de masculinidade é muito menor, já que, para a sociedade ocidental, aquele homem precisa se fazer valer do ‘único atributo’ que possui: os supostos pênis avantajado e vigor físico. Em outras palavras, o indivíduo de negro — sobretudo, o de pele retinta — é, frequentemente, reduzido à figura de seu órgão sexual.

Um exemplo que ilustra esse imaginário é o apelido dado, por parte da torcida do Bahia, ao atacante colombiano Hugo Rodallega, contratado em 2021. Dois meses depois, o tricolor venceu o Fortaleza por 4 a 2, em partida válida pela 19ª rodada do Campeonato Brasileiro. Todos os gols do Bahia foram marcados por Rodallega, o que levou a torcida baiana ao frenesi, que, por sua vez, passou a chamá-lo de *Rollanegra*, em alusão à raça do jogador e, conseqüentemente, à hipotética imponência atrelada a seu pênis.

2.3 Do campo à arquibancada

Nas quatro divisões do futebol masculino nacional, não há um jogador LGBTI+ sequer. Pelo menos, é o que, aparentemente, pensam aqueles que ‘fazem’ a modalidade — desde atletas a gestores. Da mesma maneira como visto em Butler, aqui, a cisgeneridade e a

heterossexualidade são a regra, e o que diferir disso deve ser mantido em silêncio, afinal, de que importa a presença de pessoas LGBTI+ em um esporte que é voltado para ‘machos’?

O jornalista Fabricio Falkowski, na reportagem para o jornal *Correio do Povo* intitulada *Por que não há gays?*, questiona a falta de jogadores assumidamente homossexuais no futebol masculino. Em 2009, uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP) com pessoas de dez capitais brasileiras revelou que 10,4% dos homens que responderam se disseram gays ou bissexuais.

No Brasil, segundo um estudo da *Ernst & Young* encomendado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apontou que há 88 mil jogadores profissionais. Se apenas as séries A e B do Campeonato Brasileiro forem consideradas, há atuando no país, no mínimo, 600 atletas profissionais — 20 clubes vezes duas ligas vezes 20 jogadores. Estatisticamente, Falkowski considera improvável que existam, nesse volume populacional, apenas pessoas de um tipo de orientação sexual.

Em 2020, um levantamento feito pelo site *O Contra-ataque* mostrou que 17 dos 20 times com as maiores torcidas do Brasil se posicionaram nas mídias sociais nos dias do Orgulho LGBTI+ e de Luta contra a LGBTI+fobia. Apesar de uma publicação não ser suficiente, esse já pode ser considerado, no jargão futebolístico, um grande pontapé inicial, tendo-se em vista que, até 2016, nenhum tinha se manifestado sobre os assuntos.

Nas arquibancadas, o comportamento não poderia ser diferente do que se vê nos campos: torcedores tentam atingir o time — ou a torcida — adversário com palavras e cânticos homofóbicos e misóginos. Termos como ‘bicha’, ‘viado’, ‘elas’ e ‘puta’ são frequentemente utilizados como tentativa de ofensa aos opositores — especialmente, quando se trata da equipe considerada arquirrival ou, em âmbito nacional, de Fluminense e São Paulo.

Esses dois últimos receberam, ao longo da história, os apelidos de ‘time de viado’ e ‘Bambi’. O primeiro, suspeita-se, está relacionado ao fato de que o ex-jogador do clube Carlos Alberto costumava usar talco após fazer a barba. Também não há uma versão considerada ‘certa’ da origem do apelido ‘Bambi’, atribuído ao São Paulo, mas fato é que ele se popularizou após o ex-jogador Vampeta ter usado o nome em referência ao tricolor paulista no final da década de 1990, quando vestia a camisa do rival Corinthians.

Nesses casos, mesmo em se tratando de uma clara manifestação de homofobia — ligada ao fato de Bambi ser um veado de um filme da Disney de mesmo nome —, é válido destacar que as equipes em questão nunca quiseram se apropriar e ressignificar os respectivos apelidos. Foi o que fizeram, por exemplo, Flamengo e Palmeiras com as provocações impostas a partir das alcunhas de ‘urubus’ — em razão da grande presença de torcedores negros — e ‘porcos’ — originado numa declaração do então presidente corintiano Wadih Helu em 1969, em referência ao suposto ‘espírito de porco’ dos dirigentes alviverdes.

Coube a torcedores LGBTI+ do São Paulo dar um novo uso, digno, ao apelido, até ali, pejorativo. Em 2013, foi criada, no Facebook, a página Bambi Tricolor, cujo emblema traz o famoso veado citado. “Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC [São Paulo Futebol Clube] livre”, trazia, em sua descrição, a página. Vale lembrar que o surgimento da Bambi Tricolor apenas foi possível por causa da precursora Galo Queer, do Atlético Mineiro, que também inspirou a criação de diversos outros coletivos.

Foi de parte da própria torcida atleticana, aliás, que veio a primeira entoação do cântico “*Ô, cruzeirense! Toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!*”. Além da música, o então candidato a presidente Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), teve o rosto estampado em camisas usadas por torcedores do Atlético Mineiro durante o clássico contra o Cruzeiro em setembro de 2018.

Capitão reformado do Exército, o parlamentar de extrema-direita sempre estivera munido de discursos de ódio e encontrou, no futebol, uma legião de seguidores a sua imagem e semelhança. Na época, por ter acontecido dentro do estádio, o caso foi levado a julgamento no Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), e o Atlético Mineiro foi punido com uma multa de R\$ 5 mil, valor irrisório perto dos R\$ 311,3 milhões disponíveis nos cofres do clube naquele ano.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Pesquisa

Embora a prática amadora do futebol e a vivência em estádios e outros meios relacionados a esse esporte, por si sós, já me fornecessem uma boa bagagem para analisar sua relação com a masculinidade tóxica, era necessário ir atrás de outras fontes, escritas, gravadas e orais.

Leituras como *Impedimento — Machismo, racismo, homofobia e elitização como opressões no futebol* (Knopf, 2016) e *Bicha! Homofobia estrutural no futebol* (Abel, 2020), mais do que uma visão mais aprofundada acerca das questões que atravessam o esporte, me forneceram inspiração e força de vontade para ‘remar contra a maré’. Ainda dentro das referências bibliográficas, foram fontes de pesquisa reportagens da revista Placar e do jornal Correio do Povo.

Entre as fontes de pesquisa gravadas, ‘bebi da fonte’ de podcasts de jornalismo esportivo como o *Nos Armários dos Vestiários* e o *Ubuntu Esporte Clube*, ambos do Globoesporte. De modo complementar, os entrevistados ouvidos para a produção de *O ‘baba’ é pra homem* — a professora Leda Maria da Costa, o escritor Marcelo Carvalho, o ex-jogador Emerson Ferretti e o criador de conteúdo Onã Rudá — também trouxeram contribuições valiosas para o podcast.

3.2 Roteiro

Nesta etapa do projeto, primeiramente, foram idealizadas a estrutura e o time de entrevistados a serem convidados para compor a série de podcasts. *O ‘baba’ é pra homem* foi dividida em três episódios, com duração total de, aproximadamente, uma hora. No primeiro, é feito um resgate histórico da chegada do futebol ao Brasil e o início de sua prática, proibida, por decreto-lei, às mulheres durante 40 anos. Em seguida, é abordada a masculinidade tóxica, com a contribuição da professora Leda Maria da Costa, pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Leme/Uerj).

Após a entrevista com a referida fonte, com o objetivo de aprofundar as reflexões acerca da mesma temática, a escritora Carla Akotirene, doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos, foi procurada. Contudo, o pouco tempo hábil naquele momento para a entrevista e a consequente edição do roteiro impediu que isso acontecesse.

O segundo episódio é inteiramente dedicado a entender as implicações da masculinidade tóxica ao homem negro, que, apesar de ser beneficiado pelo patriarcado em algumas situações, não goza do mesmo status que o homem branco. Para isso, foi ouvido o fundador e diretor do Observatório Racial no Futebol, Marcelo Carvalho. Havia a intenção de conversar, também, com o doutor em Sociologia Deivison Faustino, professor do Departamento de Saúde, Educação e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ele, no entanto, não respondeu às tentativas de estabelecer contato.

Numa tentativa de reposição para o lugar de Faustino, foi feita uma sondagem ao jornalista esportivo Marcos Luca Valentim, líder do grupo étnico-racial da Globo, que sinalizou positivamente ao convite. Porém, devido à escassa disponibilidade de tempo por parte do convidado e à proximidade do prazo para a entrega deste trabalho, não foi possível realizar a entrevista.

Finalmente, no terceiro episódio, discute-se os fatos de não haver sequer um jogador assumidamente LGBTI+ e de o futebol ser um ambiente hostil para essa comunidade, também, fora das quatro linhas do campo. As discussões serão enriquecidas pelas colaborações do ex-goleiro Emerson Ferretti, ídolo no Bahia e no Grêmio, e do fundador da torcida LGBTricolor, do Bahia, e do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, Onã Rudá.

3.3 Gravação

Todas as entrevistas foram feitas por meio do aplicativo de videoconferência Google Meet. A fim de garantir uma captação dos áudios com boa qualidade, utilizei o programa de gravação OBS Studio.

A narração, por sua vez, foi gravada no estúdio de rádio da Facom, tendo sido necessário regravar — e acrescentar — alguns trechos, por celular. Com o objetivo de tornar o entendimento acerca dos temas discutidos mais leve e acessível, busquei adotar um tom

levemente informal, próximo ao de uma conversação, tendo aliado conceitos e informações a cortes de falas dos entrevistados.

3.4 Edição

A edição da série de podcasts — dividida em três episódios, como já informado —, foi feita por meio do aplicativo Audacity. Para que a experiência do ouvinte se tornasse mais dinâmica, foram incorporados ao produto final efeitos sonoros, recursos ilustrativos e áudios extraídos do YouTube.

4. ROTEIRO

4.1 Episódio 1 - *Masculinidade tóxica*, com a professora Leda Maria da Costa, pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes, da Uerj (21')

[SONORA CANTO HOMOFÓBICO 'DESSAS BICHAS TEREMOS QUE GANHAR' - 6"]

Esse grito que a gente acaba de ouvir deixa bem claro: o futebol — ou o 'baba', pra quem é de Salvador — é pra homem.

Mas quem tá dizendo isso não sou eu, não, tá?! Como vocês puderam escutar, foi a própria torcida de um clube brasileiro.

O grito, em coro, de 'Bicha!' se tornou recorrente a partir de 2014 e não tem outra explicação senão tentar atingir o goleiro adversário no momento de repor a bola em jogo a partir de um tiro de meta.

Bom, nesse momento, você deve estar se perguntando: “Mas por que ‘O baba é pra homem’, Marcos? Que nome machista! Você vai reproduzir isso?”.

E eu te respondo: “Sim, eu sei. Foi proposital”. Mas calma, que eu explico...

Primeiro, deixa eu me apresentar: me chamo Marcos Felipe Soares. Sou bacharel em Humanidades e graduando em Jornalismo pela Ufba, a Universidade Federal da Bahia. Seja muito bem-vindo, bem-vinda e bem-vinde!

Esse é o primeiro de três episódios de *O 'baba' é pra homem*, série de podcasts apresentada por mim como Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor de Radiojornalismo Maurício Tavares.

[VINHETA - HOMEM COM 'H', DE NEY MATOGROSSO]

Talvez você nem se interesse por futebol. Mas o objetivo desse podcast é mais do que apenas falar sobre o futebol e suas implicações, e sim um convite a quem é homem a refletir sobre nossos comportamentos: por que performamos — ou nos sentimos pressionados a performar — determinados tipos de comportamento, para nos sentirmos verdadeiramente homens?

Agora, voltando à história de que ‘o baba é pra homem’: certamente, todo menino nascido aqui em Salvador, na Bahia, e apaixonado por futebol, já escutou essa frase enquanto ‘pegava um baba’ — expressão local para ‘jogar bola’ — nas ruas, quadras ou campos da capital baiana.

Em terras soteropolitanas ou em qualquer outro ponto do mapa brasileiro, fato é que esse esporte sempre esteve associado à demonstração de uma masculinidade viril, que acaba por se tornar tóxica.

[SONORA GRITO DE ‘O BABA É PRA HOMEM!’ - 2”]

Segundo o dicionário Michaelis On-line, o termo ‘masculinidade’ significa “atributo de masculino ou másculo”; já tóxico tem a ver com “que ou o que envenena; que tem a propriedade de envenenar; venenoso”.

Daí, entende-se por masculinidade tóxica um conjunto de comportamentos degradantes atribuídos ao homem como parte essencial de sua natureza, a exemplo da demonstração de racionalidade, poder, agressividade e virilidade — esta, também relacionada à capacidade de procriar — e, por outro lado, da não demonstração de sentimentos e fraquezas.

[SONORA GRITO DE ‘VOCÊ É VIADO, É?!’ - 2”]

Em suma, a masculinidade tóxica serve para moldar um tipo ideal de homem, a partir de determinações de como pensar e agir.

Esse conceito encontra respaldo na ideia de performatividade de gênero, trazida pela filósofa estadunidense Judith Butler. Segundo ela, o gênero é expresso por meio de atos, gestos e desejos repetitivos.

Além disso, a sociedade opera com base numa ‘heteronormatividade’, o que implica considerar ‘normal’ apenas aqueles corpos que se comportarem conforme a maneira atribuída a eles a partir da gestação.

[SONORA DAMARES: ‘MENINO VESTE AZUL, E MENINA VESTE ROSA - 17”]

E o futebol, enquanto manifestação cultural de uma nação, não está à parte da sociedade: se o Brasil é um país estruturalmente machista, misógino e LGBTIfóbico, uma modalidade responsável pela mobilização de tantas pessoas — a maioria, homens — não poderia ser diferente.

[SONORA GRITO DE ‘CHUTA QUE NEM HOMEM!’ - 2”]

Ainda assim, é importante remontar a tempos passados, a partir da chegada do futebol ao país, em meados da década de 1890.

[EFEITO REBOBINAR]

O esporte bretão foi ‘trazido’ para o Brasil pelo paulista Charles Miller, filho de um escocês com uma brasileira de família inglesa. Miller retornara de uma viagem de estudos a Southampton, na Inglaterra, e, entre outros pertences, trouxe, na mala, uma bola de futebol.

De acordo com um relato do escritor e historiador John Mills, na bagagem de Miller, havia um livro de regras da Association Foot ball, duas bolas de capotão, um par de chuteiras e uma bomba de ar (Placar, 2021).

No entanto, o futebol veio a se popularizar de fato e ser considerado ‘o esporte das massas’ — alcunha antes atribuída ao remo — apenas em 1919, após a conquista do primeiro título da seleção brasileira, o Campeonato Sul-americano.

A profissionalização, aliás, se deu em 1933, e, como era de imaginar, foi restrita aos homens.

E essa restrição não dizia respeito somente ao reconhecimento da prática esportiva enquanto profissão, e sim ao simples fato de jogar futebol: em 14 de abril de 1941, o presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-lei 3.199, art. 54, que proibia as mulheres de praticar esportes que não fossem "adequados à natureza delas".

Isso significa dizer que esportes como o futebol estariam estritamente relacionados à natureza masculina, da qual se espera, portanto, características como a virilidade e a brutalidade — sobretudo, em se tratando do homem negro.

Só que esse aspecto em específico a gente vai deixar pra tratar em outro episódio.

Agora, temos a honra de conversar com a professora Leda Maria da Costa, pesquisadora do Leme, o Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes, da Uerj, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

[FALA ENTREVISTADA - 0:34 a 0:41]

Ela, aliás, resolveu trazer a campo, logo de cara, a curtíssima e polêmica passagem do técnico Alexi Stival, o Cuca, pelo Corinthians, como uma das facetas da masculinidade tóxica em nossa sociedade e, por extensão, no futebol.

Pra quem não sabe, quando ainda era jogador, em 1989, Cuca e outros três atletas brasileiros foram condenados pelo estupro de uma menor de idade na Suíça ocorrido dois anos antes. Eles, porém, nunca cumpriram a pena.

Agora, em abril de 2023, com menos de uma semana no Corinthians, o treinador, que vinha trabalhando normalmente — e em clubes de destaque — ao longo de todos esses anos, deixou o cargo.

A decisão de Cuca foi consequência da pressão exercida por parte da torcida e, também, pelo time feminino do próprio Corinthians, que tem grande importância hoje dentro do clube.

Já entre o elenco masculino, o que se viu foi exatamente o contrário: após a classificação para as oitavas de final da Copa do Brasil contra o Remo, nos pênaltis, os jogadores correram pra abraçar Cuca — uma clara demonstração de apoio ao então técnico, tido ali como vítima, e não como algoz.

[SONORA COLETIVA CUCA - 45”]

Isso é o que nós podemos classificar como pacto da masculinidade.

[FALA ENTREVISTADA - 2:25 a 3:31]

Para a professora Leda Maria da Costa, esse silêncio entre os homens — sejam eles parte do clube, da imprensa esportiva ou até da torcida — diz muito. E aí ela lembra o caso do ex-jogador Robinho, condenado a nove anos de prisão por um caso de violência sexual na Itália, em 2013. A pena também não foi cumprida até agora.

[FALA ENTREVISTADA - 4:16 a 5:10]

Obviamente, a masculinidade tóxica e o machismo são anteriores ao futebol. Esses exemplos trazidos nada mais são que manifestações do que vemos em nosso dia a dia, na rua, no trabalho ou até dentro de casa.

Mas a questão segue sendo: de que forma o esporte estimula a expressão de comportamentos como esses?

Frases como ‘O baba é pra homem’, comum aqui na Bahia, ajudam a revelar a necessidade de demonstrar essa masculinidade viril.

Ainda assim, é necessário voltar um pouco mais na história — mais precisamente, à origem do futebol.

[REBOBINAR]

[FALA ENTREVISTADA - 10:01 a 12:06]

E, embora a masculinidade, outrora, tenha sido colocada como pré-requisito para a prática do futebol, nem todo homem era — e ainda não é — bem aceito.

[FALA ENTREVISTADA - 12:14 a 14:33]

É fato que o futebol, enquanto meio de sociabilidade, já passou por diversos avanços ao longo da história. Só que eles acontecem mais lentamente, observa Leda Maria ao compará-lo com outro grande produto brasileiro, a telenovela.

[FALA ENTREVISTADA - 15:30 a 16:55]

Diante de tudo isso, fica o questionamento: será que é possível dissociar uma coisa da outra, o futebol da masculinidade tóxica?

[FALA ENTREVISTADA - 18:00 a 21:05]

[APITO]

Ó: ouviu o apito, né?! É sinal de que chegamos ao fim.

Esse foi o primeiro episódio de *O ‘baba’ é pra homem*.

Mas o jogo continua a seguir: no próximo episódio, vamos falar de como a masculinidade tóxica incide sobre os homens negros com maior força. Um xêro!

[VINHETA - HOMEM COM 'H', DE NEY MATOGROSSO]

4.2 Episódio 2 - *O homem negro, com o diretor do Observatório Racial no Futebol, Marcelo Carvalho (10')*

[SONORA TORCEDOR 'ROLLANEGRA' - 9"]

'Rollanegra': assim passou a ser chamado o colombiano Hugo Rodallega, ex-atacante do Bahia contratado em 2021. O apelido, obviamente, faz alusão à raça do jogador e, conseqüentemente, à hipotética imponência atrelada a seu pênis.

E, se a gente está se propondo a falar de masculinidade tóxica, não poderia deixar de fazer um recorte racial, afinal, no caso do homem negro, a cobrança por uma performance de 'macho' é muito maior.

[VINHETA - HOMEM COM 'H', DE NEY MATOGROSSO]

Olá! Seja muito bem-vindo, bem-vinda e bem-vinde! Eu sou Marcos Felipe Soares, e esse é o segundo episódio da série de podcasts *O 'baba' é pra homem*.

Historicamente, à população negra é negado o reconhecimento de sua humanidade, e, nesse caso, a masculinidade tóxica opera com uma força muito maior. Se já não se espera do homem branco demonstrações de sentimentos que revelariam sua 'fragilidade', do homem negro, menos ainda.

Então, apesar de também serem homens e usufruírem de alguns privilégios proporcionados pelo patriarcado, no fim das contas, os negros não gozam do mesmo status que os brancos.

Segundo o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon, no imaginário ocidental, um homem negro não é um homem. Antes, ele é um negro e, como tal, não tem sexualidade; tem sexo.

E esse sexo, desde muito cedo, foi descrito, no Brasil, como um atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal, em contraste com o homem branco, explica Rolf Ribeiro de Souza no texto ‘As representações do homem negro e suas consequências’.

Por esse motivo, a possibilidade de o homem negro ‘destoar’ do ideal de masculinidade é muito menor. O constrangimento que lhe é imputado como sanção social entre os demais homens — e até entre as mulheres — tem maiores proporções, já que, para a sociedade ocidental, aquele homem precisa se fazer valer do ‘único atributo’ que possui: os supostos pênis avantajado e vigor físico.

Em outras palavras, o indivíduo negro — sobretudo, o de pele retinta — é, frequentemente, reduzido à figura de seu órgão sexual.

Bom, pra comentar melhor esse assunto, a gente dá as boas-vindas ao diretor do Observatório Racial no Futebol, Marcelo Carvalho.

[FALA ENTREVISTADO - 0:30 a 0:40]

Marcelo, assim como a professora Leda Maria da Costa, personagem do nosso primeiro episódio, vive o futebol e atesta: nos quatro cantos do país, como hobby ou profissão, ele sempre foi considerado esporte ‘de macho’.

E, assim, se construiu um ambiente onde a violência é naturalizada.

[FALA ENTREVISTADO - 1:21 a 3:06]

A partir de um recorte racial, é possível visualizar como grande exemplo da animalização do homem negro a imagem do volante ‘brucutu’, ou seja, o jogador que tá ali ‘pra bater’ ou pra intimidar o adversário...

Basta observar que os aumentativos costumam aparecer em nomes de atletas negros e com função de marcação no jogo: Fabão, Luizão, Betão e por aí vai...

[FALA ENTREVISTADO - 3:49 a 5:21]

E, voltando àquilo de haver uma maior expectativa de gênero sobre o homem negro — ou seja, se esperar que ele demonstre sempre virilidade —, temos o exemplo do ex-jogador e atual comentarista esportivo Richarlyson: embora ele tenha se revelado bissexual só após ter pendurado as chuteiras, durante toda a carreira, foi perseguido por torcida e imprensa, devido ao simples fato de não performar conforme o esperado para um homem ‘de verdade’.

[FALA ENTREVISTADO - 6:11 a 6:22]

[SONORA CÂNTICO RACISTA PARA LUKAKU - 15”]

Trata-se de uma paródia da música *Made of Stone*, da banda inglesa Stone Roses. O trecho diz: "Romelu Lukaku, ele é nosso gênio artilheiro belga, com um pênis de 60 centímetros, marcando nossos gols, glande até o dedo dos pés".

[FALA ENTREVISTADO - 6:23 a 7:21]

Marcelo, então, propõe uma reflexão a você que é amante do futebol.

[FALA ENTREVISTADO - 7:49 a 8:25]

[APITO]

Fim de papo! Mas, como diria Galvão Bueno, ‘só acaba quando termina’: no terceiro e último episódio, vamos ouvir duas pessoas LGBTI+ que são apaixonadas por futebol — uma delas até já viveu o esporte dentro das quatro linhas e foi ídolo de grandes clubes. Até lá! Um xêro.

[VINHETA - HOMEM COM ‘H’, DE NEY MATOGROSSO]

4.3 Episódio 3 - *Do campo à arquibancada*, com o ex-goleiro e atual comentarista esportivo Emerson Ferretti e o fundador da torcida LGBTricolor e do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ, Onã Rudá (25')

[SONORA GRITO DE 'BICHA!' NO ESTÁDIO - 14"]

Nas quatro divisões do futebol masculino nacional, não há sequer um jogador assumidamente LGBTI+. Pelo menos, é o que, aparentemente, pensam aqueles que 'fazem' a modalidade — desde atletas a gestores.

Aqui, a cisgeneridade e a heterossexualidade são a regra, e o que diferir disso deve ser mantido em silêncio, afinal, de que importa a presença de pessoas LGBTI+ em um esporte que é voltado pra 'machos'?

Pra entender, de fato, o que é se sentir hostilizado num ambiente que você ama estar, nada melhor do que ouvir quem já esteve lá dentro de campo e quem sempre esteve do lado de cá, nas arquibancadas.

[VINHETA - HOMEM COM 'H', DE NEY MATOGROSSO]

Olá! Seja muito bem-vindo, bem-vinda e bem-vinde ao terceiro e último episódio da série de podcasts *O 'baba' é pra homem*, apresentada por mim, Marcos Felipe Soares.

Em reportagem para o jornal Correio do Povo intitulada *Por que não há gays?*, o jornalista Fabricio Falkowski questiona a falta de jogadores assumidamente homossexuais no futebol brasileiro masculino.

Em 2009, uma pesquisa realizada pela USP, Universidade de São Paulo, com pessoas de dez capitais revelou que 10,4% dos homens que responderam ao questionário se disseram gays ou bissexuais.

Segundo um estudo da Ernst & Young encomendado pela CBF, Confederação Brasileira de Futebol, há 88 mil jogadores profissionais no país.

Se apenas as séries A e B do Campeonato Brasileiro forem consideradas, há atuando no país, no mínimo, 600 atletas profissionais — 20 clubes vezes duas ligas vezes 20 jogadores.

Estatisticamente, Fabricio considera improvável que existam, nesse volume populacional, apenas pessoas de um tipo de orientação sexual.

E o ex-goleiro Emerson Ferretti, ídolo do meu Bahia, concorda com o jornalista e vai contar pra gente um pouco da experiência dele.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 4:56 a 5:11]

Com a propriedade de alguém que já esteve lá dentro, nos bastidores, Emerson considera difícil determinar se, entre os jogadores, o assunto não é falado por ser um tabu ou porque, de fato, eles próprios têm um preconceito muito grande. Mas a verdade é que há, sim, homens LGBTI+s no futebol.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 6:42 a 8:38]

Emerson relembra que, durante a carreira de jogador, por nunca ter aparecido publicamente com nenhuma mulher, vivia sob a suspeita de ser gay. Ainda segundo ele, para muitos que vivem do futebol, a saída pra isso é se casar.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 8:43 a 9:17]

Nascido numa família de muitos homens — todos apaixonados por futebol e gremistas —, o ex-goleiro seguiu um caminho considerado natural para alguém do sexo masculino: com 8 anos, já fazia parte da Escolinha de Futebol do Grêmio, clube do qual viria a se tornar ídolo.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 10:54 a 12:08]

No início da adolescência, enquanto se firmava no clube gaúcho, Emerson naturalmente ia descobrindo a sexualidade. Infelizmente, ele logo foi percebendo,

também, que, naquele contexto, não poderia ter trejeitos que destoassem da masculinidade viril — o que, anos mais tarde, rendeu a Richarlyson, citado no episódio anterior, perseguição por parte de torcida e imprensa.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 12:45 a 14:02]

Aos 15 anos, Ferretti foi convocado para a seleção brasileira da categoria. Com um início promissor como esse, ele estava decidido a investir na carreira, em detrimento do lado pessoal. Mas o processo não foi nada fácil.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 16:36 a 18:02]

No ano passado, mais de 15 anos depois de ter se aposentado, em entrevista a outro podcast, o Nos Armários dos Vestiários, do Globo Esporte — de cuja fonte bebe *O 'baba' é pra homem!* —, o hoje comentarista esportivo decidiu revelar ao país que é gay.

Mesmo sabendo do risco em que colocaria a imagem construída durante anos de carreira.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 22:41 a 24:26]

E, para a surpresa de Emerson — e de muitas outras pessoas —, após a revelação, não foram direcionados a ele retaliações ou comentários de ódio.

[FALA ENTREVISTADO 1 - 25:00 a 26:03]

[TRANSIÇÃO]

Agora, eu convoco, pra o nosso 'baba', meu conterrâneo o fundador da torcida LGBTricolor, do Bahia, e do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ, Onã Rudá, a quem agradeço a disponibilidade.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 2:17 a 2:24]

Frequentemente, quando dá entrevistas sobre futebol, Onã é questionado sobre como começou a relação com o esporte e com o Bahia, clube do coração dele, já que os estádios e demais ambientes futebolísticos costumam ser hostis com pessoas como ele.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 2:42 a 4:21]

E adivinha quem ocupava o espaço debaixo da trave da Fonte Nova quando ele foi ao estádio pela primeira vez...

[FALA ENTREVISTADO 2 - 4:22 a 4:48]

Mas, assim como aconteceu com Emerson, à medida que vai conhecendo a si mesmo, Onã vai conhecendo, também, o pior lado do futebol.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 4:49 a 5:15]

Anos depois, esse cenário começa a mudar — pelo menos, dentro do Bahia. Assim, em 2019, ele tem a ideia de criar uma torcida que acolhesse outras pessoas LGBTI+ que têm o tricolor baiano como clube do coração.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 5:16 a 5:33]

É claro que, ao ir ao estádio, existe uma preocupação com eventuais casos de violência por LGBTIfobia. No entanto, segundo Onã, ao contrário do que se poderia imaginar, cada vez mais pessoas LGBTI+ têm feito parte do dia a dia do clube, tanto nas arquibancadas como também nas cadeiras do Conselho Deliberativo tricolor.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 9:48 a 10:55]

Só que o fundador de LGBTricolor notou que ainda faltava às dependências da Fonte Nova uma maior presença da letra ‘T’, isto é, de pessoas trans — sobretudo, mulheres. Foi então que, em fevereiro deste ano, Mês da Visibilidade Trans, mais uma marca histórica foi alcançada.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 11:59 a 13:16]

A realidade vivenciada pela torcida do Bahia, porém, parece estar bem longe da das demais torcidas espalhadas pelo país.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 27:01 a 28:17]

De acordo com o 1º Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol, divulgado pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ no ano passado, foram registradas, em 2020, 20 ocorrências de LGBTfobia no futebol brasileiro; em 2021, o número mais que dobrou: chegou a 42.

Outro aspecto relevante de notar é a manifestação por parte dos clubes em momentos como os dias de Luta contra a LGBTIfobia e do Orgulho LGBTI, 17 de maio e 28 de junho, respectivamente.

Um levantamento feito pelo site O Contra-ataque mostrou que, em 2020, 17 dos 20 times com as maiores torcidas do Brasil se posicionaram nas mídias sociais.

Apesar de uma publicação não ser suficiente, esse já pode ser considerado um grande pontapé inicial, tendo em vista que, até 2016, nenhum tinha se manifestado sobre os assuntos.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 30:16 a 31:15]

Quase quatro anos após a fundação da Canarinhos LGBTQ, Onã sente que o coletivo tem, hoje, a CBF — presidida, pela primeira vez, por um negro e nordestino, Ednaldo Rodrigues — como grande aliada no enfrentamento à LGBTIfobia no futebol.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 31:26 a 32:20]

Mesmo assim, para poder mudar a realidade do esporte, ele reitera que os clubes também devem ‘chegar junto’.

[FALA ENTREVISTADO 2 - 32:21 a 33:20]

[APITO]

Agora, sim, o juiz pediu a bola em definitivo. A você que acompanhou nossa trajetória do início ao fim, muito obrigado e, claro, um xêro. Espero ter atendido às expectativas e provocado alguma reflexão aí dentro.

Se quiser fazer algum comentário ou trocar uma ideia, sintá-se à vontade pra entrar em contato: meu perfil no Instagram é @marcfelp, e meu e-mail é marcos.felipen@gmail.com.

[VINHETA - HOMEM COM 'H', DE NEY MATOGROSSO]

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto acima, conclui-se que as pesquisas realizadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho foram capazes de traçar caminhos possíveis para entender de que maneiras o futebol é capaz de fomentar a masculinidade tóxica no Brasil. Entre elas, está o fortalecimento de estereótipos acerca do imaginário do ‘ser homem’ invariavelmente associado à demonstração de força e virilidade.

Por ser um esporte de contato, o futebol se expressa como símbolo de vigor físico e, às vezes, até de violência. Além disso, a competição como forma de medir forças tanto entre jogadores como entre torcedores contribui para o reforço da noção de masculinidade guerreira, destrinchada por Zaluar, uma vez que a vitória numa batalha de ‘eles contra nós’, embora simbólica, repercute socialmente como um atestado de quem é melhor — ou ‘mais homem’.

Outro aspecto que pode ser apontado como resposta para a questão motivadora está associado à visão, por parte de praticantes, gestores e consumidores de futebol, de que esse esporte, por representar um entretenimento para a população, deve exercer unicamente essa função — e nunca a de meio que discuta, proponha e estimule mudanças estruturais na sociedade. Isso acaba por provocar uma pouca mobilização para que se construa um espaço mais democrático, inclusivo e acessível.

Ademais, a condescendência entre homens leva à falta de responsabilização por falas e atos machistas, misóginos e LGBTI+fóbicos. A respeito dessa prática, que recebe o nome de pacto narcísico de masculinidade, a professora Leda Maria da Costa, entrevistada no primeiro episódio de *O ‘baba’ é pra homem*, lembra como o status adquirido por jogadores e treinadores no esporte lhes possibilita blindar-se das consequências de eventuais condutas criminosas.

Posto isso, *O ‘baba’ é pra homem* não se esgota em si mesmo — nem tinha esse intuito. Pelo contrário: como ficou claro ao fim do último episódio, trata-se de um convite a nós homens a refletir sobre comportamentos nossos tidos como naturais e que são estimulados durante a prática e o consumo do futebol.

Por acreditar nesse esporte como instrumento de mobilização social em essência, o que se espera é que, assim como os livros *Impedimento — Machismo, racismo, homofobia e elitização como opressões no futebol* (Knopf, 2016) e *Bicha! Homofobia estrutural no futebol* (Abel, 2020) serviram de fonte de conhecimento e inspiração para o presente trabalho, ele venha a ter a mesma serventia para possíveis futuras produções, estabelecendo o esporte como um importante objeto de análise dentro dos âmbitos social e acadêmico.

Por ora, visto que uma nova realidade ainda se mostra distante, que fiquem aqui expressos os sentimentos de realização e orgulho pelo feito de ter difundido um debate tão caro não só aos amantes do futebol como também à sociedade brasileira em geral. De forma definitiva, o que se pode afirmar é que há, sim, esperança de que o ‘baba’, um dia, deixe de ser ‘só pra homem’ e que a masculinidade tóxica não encontre mais terreno fértil nesse nem em outros espaços.

6. REFERÊNCIAS

ABEL, João. **Bicha!** Homofobia estrutural no futebol. 2ª ed. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2020.

ALTMAN, Fábio. O repouso de Charles Miller, o pai do futebol brasileiro. **Placar**, 28 dez. 2020. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/o-reposo-de-charlesmiller-o-pai-do-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CANARINHOS LGBTQ+, Coletivo de Torcidas. **1º Anuário do Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+**. 2022. Disponível em: https://www.torcidaslgbt.com.br/_files/ugd/290db6_08183fd500464bd99eb33b2a86ac8b8d.pdf?index=true.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; e NONATO, Murillo Nascimento. **Perfechatividades de gênero:** a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos Pagu* [online]. 2019, n. 57.

COSTA, Carolina. Femicídio - Brasil é o 5º país em mortes violentas de mulheres no mundo. **UOL**. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/femicidio-brasil-e-o-5-pais-em-morte-violentas-de-mulheres-no-mundo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FALKOWSKI, Fabricio. Por que não há gays? **Correio do Povo**, 18 set. 2021. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/especial/por-que-n%C3%A3o-h%C3%A1-gays-1.69275>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FAUSTINO, Deivison. O negro, o drama e as tramas da masculinidade no Brasil. **Revista Cult**, 7 fev. 2019. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/o-negro-o-drama-tramas-da-masculinidade-no-brasil/>.

Acesso em: 30 maio 2023.

FISCHER, Mariana Pimentel. Ler Judith Butler: sujeito, desidentificação, performatividade. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 52, 2020.

KNOPF, Lucas Faraldo. **Impedimento** — Machismo, racismo, homofobia e elitização como opressões no futebol. **Issuu**, 2016. Disponível em: https://issuu.com/lucasfaraldoknopf/docs/ilovepdf_merged_1. Acesso em: 30 nov. 2022.

MELHORAMENTOS, Michaelis. **Mini Michaelis Dicionário**. Companhia Melhoramentos de São Paulo Indústrias, f. 333, 1998. 666 p. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

NEIVA, Leonardo. Por que jogadores LGBT não têm vez no futebol? **Gama Revista**, 20 nov. 2022. Reportagem. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/quem-e-voce-na-copa/por-que-jogadores-lgbt-nao-tem-vez-no-futebol/>. Acesso em: 30 maio 2023.

NOS ARMÁRIOS DOS VESTIÁRIOS. Joanna de Assis e William de Lucca. **Feel The Match**, 2022. Podcast. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/>. Acesso em: 30 maio 2023.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de Fato**, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-send-o-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 30 nov. 2022.

RÁDIO NOVELO APRESENTA. Branca Vianna. **Rádio Novelo**, 2022. Podcast. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/>. Acesso em: 30 maio 2023.

SEGURANÇA PÚBLICA, Fórum Brasileiro de. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2020. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/11-o-sistema-prisional-em-2020-2021-entre-a-covid-19-o-atraso-na-vacinacao-e-a-continuidade-dos-problemas-estruturais.pdf>.

Acesso em: 29 maio 2023.

SOUZA, CB. **Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado**. João

Pessoa: UFPB, 2013.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, v. 6, 2009.

UBUNTU ESPORTE CLUBE. Diego Moraes, Marcos Luca Valentim, Pedro Moreno e Rafaelle Seraphim e Thales Ramos. **Rede Globo**, 2020. Podcast. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/ubuntu-esporte-clube/>, Acesso em: 30 maio 2023.